

WASHINGTON NOVAES

A Amazônia e a reinvenção do mundo

Na manhã de 11 de setembro, o autor destas linhas estava sentado na calçada da praça de Tefé, no Amazonas, do outro lado da rua onde fica o pequeno hotel onde dormira. Enquanto aguardava que fossem carregados numa van as malas e os equipamentos de TV com os



É possível que se tenha chegado ao fim de um ciclo, precisemos repensar tudo

quais iniciaria na reserva ecológica de Mamirauá a gravação de um documentário para a TV Cultura sobre biodiversidade, pensava na uniformização do mundo.

Tefé é uma cidade de menos de 50 mil habitantes, à qual só se chega por água ou pelo ar – não há rodovias. Mas já se parece com as periferias das grandes cidades brasileiras: casas pobres de tijolos expostos e teto de amianto, poluídas por anúncios de todos os tipos e antenas parabólicas; ruas infernizadas por centenas de motos sem placas e sem regras; meninas e adolescentes de minissaia e tamanquinhos, como todas na TV; rapazes de bermudas, camisetas, chinelos e cabeça raspada como os craques do esporte.

O pensamento foi interrompido pela visão do porteiro do hotel, que, esbaforido, contava algo ao pessoal na van, ao mesmo tempo em que, com os braços estendidos, simulava algo que voasse – para em seguida, com os dedos da mão direita estendidos, chocá-los contra a palma da mão esquerda. “Uma das voadeiras (pequenos barcos com motor de popa) em que vamos viajar bateu na outra, a viagem está perdida”, pensei, enquanto o produtor da equipe de TV vinha a meu encontro, nervoso, e, baseado no que lhe dissera o porteiro, comunicava: “Um avião bateu no edifício Empire State, em Nova York!” O porteiro confirmava: “A televisão está mostrando, vem ver!”

De fato, o receptor na portaria do hotel mostrava um avião chocando-se com a primeira torre do World Trade Center. Que seria aquilo, santo Deus? Mas tínhamos de ir para o porto,

carregar as voadeiras, seguir uma programação já definida para toda a semana.

No terminal flutuante do lago de Tefé, onde as voadeiras se abasteciam, um pequeno aparelho de TV mostrava novas imagens, do Pentágono abalroado, a segunda torre atingida. “Um ataque terrorista? Terá come-

çado uma terceira guerra mundial ainda inexplicada?”, todo mundo perguntava, sem resposta.

Seguimos pelo Rio Japurá, que despeja 14,5 milhões de litros de água por segundo no Solimões, para completar a vazão deste, 50 milhões de litros por segundo, que seriam suficientes para, em menos de um minuto, fornecer os 2 bilhões de litros que os 10 milhões de habitantes da cidade de São Paulo consomem a cada dia em suas casas.

A imensidão da Amazônia em Mamirauá, uma reserva de 1,1 milhão de hectares (11 mil km²), que se juntam aos 2,3 milhões de hectares da reserva confinante de Amanã (2,3 milhões de hectares) para for-

mar um conjunto de 34 mil km² (maior que Alagoas ou Sergipe, maior que a Bélgica) – que, por sua vez, integra o chamado Corredor Central da Amazônia, um projeto de unir terras indígenas, reservas ecológicas, parques nacionais, estações ecológicas, áreas de proteção ambiental, etc., da divisa Amazonas-Pará à fronteira com a Colômbia, mais de mil quilômetros de extensão, um contínuo capaz de proteger as complexas cadeias da biodiversidade.

Mas em Mamirauá não existem notícias, a não ser numas poucas casas de minúsculas comunidades que dispõem de energia fornecida por geradores a diesel – mas nem sempre têm combustível ou ligam a TV. E o pensamento não parava de perguntar o que estaria acontecendo no mundo, enquanto ao redor só era possível ver o despropósito de água, arco-íris em profusão cruzando o céu que se tingia de rosa no poente e ao amanhecer, botos arqueando o dorso com elegância no breve momento fora da água, mergulhões às centenas emergindo com peixes no bico, uma ou outra canoa de madeira ocupada por pessoas silenciosas, sob sombrinhas coloridas, a floresta inundável tudo cercado.

Pesquisadores capturavam tabaquis, para fazer

estudos populacionais e de limites de pesca. Biólogos estudavam a reprodução de quelônios e de gaivotas que ocupam uma praia com milhares de ninhos, cada um deles com ovos, filhotes recém-nascidos ou que rompem a casca, mães enlouquecidas como num filme de Hitchcock, trazendo água no bico e despejando-a para refrescar os pequenos. Engenheiros florestais ensinavam aos raros moradores como extrair madeira sem prejudicar a floresta. Outros biólogos implantavam transmissores de rádio em botos vermelhos ou peixes-bois para decifrar-lhes os hábitos. Mas ninguém sabia o que estava acontecendo lá fora. Um mundo parecia estar começando, enquanto outro podia estar terminando.

Só três dias depois, o guarda de um flutuante confirmava que em sua casa, ao lado, havia um receptor de TV. Mas ele não sabia o que estava acontecendo. “Ouvi falar alguma coisa, mas não estou interessado”, informava despreziosamente.

A TV na casa de seu Joaquim desfilava o cortejo de horrores, repetia e repetia as imagens tenebrosas de Nova York, Washington – as mesmas que ainda se reproduzem a cada dia, mas agora acrescentando ao conflito novos lugares e fazendo crescer o medo de algo que não se sabe como será, mas se teme possa estar em qualquer ponto do mundo.

Até o dia 10 de setembro, vivia-se a impressão de que o planeta mal se equilibrava à beira de desastres ambientais indesejáveis e mergulhara em recessão econômica e conflitos perigosos, simultaneamente com outras situações insustentáveis – 1 bilhão de pessoas passando fome, aids alastrando-se, ameaças de pandemias, insegurança alimentar e muito mais. Agora, angustia também a sensação de insustentabilidade política global.

É possível que se tenha chegado ao fim de um ciclo, precisemos repensar tudo. Lugares como Mamirauá, Amanã, a Amazônia talvez possam ser a inspiração para reinventar nossos modos de viver. Neles está a demonstração de que o mundo e a vida podem ser diferentes.

